Emissão de LED, quantum de luz e efeito fotoelétrico

Adrian Morais Cabral, grupo 1, turma PL5 9 de Novembro de 2021

Resumo

Neste trabalho experimental pretendeu-se estudar o efeito fotoelétrico e a dependência do potencial de paragem com o comprimento de onda da luz incidente, para além disso determinou-se o valor da função trabalho dum cátodo de césio e a constante de Planck através de dois métodos diferentes: determinação do potencial que anula a corrente fotoelétrica do circuito (parte A) e transferindo a energia da corrente criada para um condensador em série com a célula fotoelétrica e medindo o valor da tensão nos terminais do condensador (parte B).

Após se ter feito as várias medições necessárias foi possível concluir que a montagem experimental e o método associados à parte A obtém valores mais exatos de h e W do que aqueles obtidos na parte B.

1 Introdução

Esta experiência baseia-se no efeito fotelétrico, que consiste na absorção de quatum de luz, ou seja, energia luminosa que se encontra discretizada em partículas denominadas fotões para depois ionizar eletrões de um material. Aqui assume-se que todos os fotões são integralmente absorvidos pelos eletrões do cátodo que forem bombardeados pelas partículas luminosas. A energia de cada fotão é dada por $E=h\nu$, em que h é a constante de Planck e ν é a frequência de oscilação do fotão (pois este comporta-se como onda e como partícula).

Devido às ligações atómicas existentes entre os eletrões e os protões do césio, é necessário fornecer uma energia mínima para ionizar os eletrões, que é dada pela função trabalho, W (que no caso do césio é 1,95eV). Assim para haver efeito fotoelétrico é necessário que $h\nu \geq W$ em que a energia em excesso é transformada em energia cinética dos eletrões

$$h\nu - W = \frac{1}{2}m_e v^2 \tag{1}$$

Os eletrões libertados são depois coletados, originando uma corrente elétrica, I, num circuito exterior. Esta corrente pode ser contrariada aplicando um potencial negativo, V, relativamente ao emissor. O valor para a qual se anula o

fluo de eletrões é dado pelo potencial de paragem, V_c . Através da conservação da energia, a equação 1 pode ser reescrita de forma a relacionar o potencial de paragem com a frequência da radiação

$$eV_c = h\nu - W = \frac{1}{2}m_e v^2 \tag{2}$$

Em que e é o valor da carga de um eletrão e m_e é a massa dum eletrão.

Devido às características corpusculares da luz, um aumento da intensidade de uma fonte luminosa traduz-se num acréscimo na quantidade de fotões que são libertadas, sendo que cada um deles tem uma mesma frequência (e logo a mesma energia)

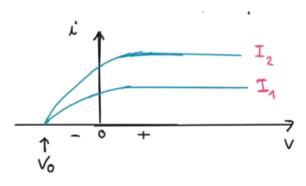


Figura 1: Gráfico da corrente no circuito em função do potencial aplicado para diferentes intensidades de luz $(I_2 > I_1)[2]$; é possível ver uma corrente de saturação em que todos os eletrões libertados são coletados

2 Material a usar

- \bullet Célula fotoelétrica $Phywe\ PhotoCell-06779-00$
- Mili voltímetro
- Multímetro digital
- Fonte de Tensão regulável
- Circuito dedicado com potenciómetro
- Caixa de LEDs, de emissão do ultravioleta (UV) ao infravermelho próximo (NIR)
- Condensador de 100 nF
- Reóstato
- Eletrómetro
- Caixa preta com manta preta de forma a evitar a influência de luz ambiente na experiência

3 Circuitos a montar

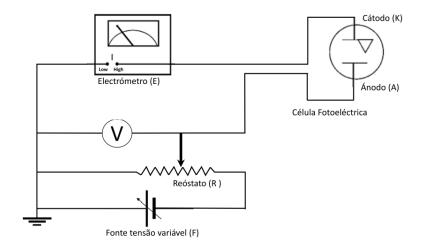


Figura 2: Circuito utilizado na parte A desta experiência

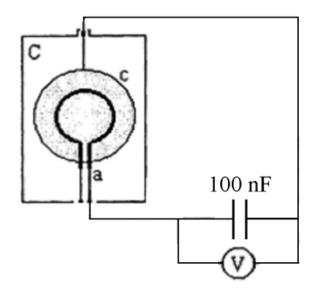


Figura 3: Circuito utilizado na parte B desta experiência

4 Modo de procedimento

4.1 Parte A

- 1. Montar o circuito esquematizado na figura 3
- 2. Posicionar os LEDs de forma a que estejam junto à célula fotoelétrica, em que o botão comutador permite trocar entre estes
- 3. Garantir o isolamento da célula fotoelétrica relativamente à luz ambiente
- 4. Procurar uma valor aproximado da tensão de paragem: começando nas escalas menos sensíveis ir reduzindo a corrente medida no eletrómetro (atuando ou na fonte de tensão variável ou no reóstato), à medida que se aproxima da corrente nula aumentar a sensibilidade e repetir
- 5. Escolher a escala de sensibilidade maior que lhe permitir determinar a corrente nula, mantendo a escala constante ao longo das medidas de forma a evitar erros associados a mudança de escala.
- 6. Repetir para os vários LEDs disponíveis
- 7. A partir dos diversos gráficos

4.2 Parte B

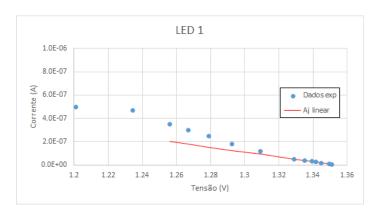
- 1. Montar o circuito esquematizado na figura 3
- 2. Apontar o LED escolhido para a célula fotoelétrica e deixar o condensador carregar totalmente (assim originando uma tensão antagonista que será V_c)
- 3. Determinar h e W a partir do gráfico de $V_c(\nu)$

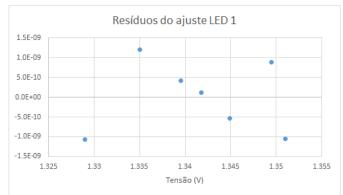
5 Análise dos dados

5.1 Parte A

Na primeira parte da experiência utilizaram-se os pontos experimentais que estavam mais próximos do zero para fazer um ajuste e determinar o zero, ou seja, o potencial de paragem. Para tal foi feita uma ajuste linear, porque na maior parte dos LEDs os resíduos apresentavam uma distribuição aleatória. A exceção disto é para o LED 5, em que se fez um ajuste linear por coerência com os outros LEDs, mas os resíduos não apresentam uma distribuição aleatória, não se alterou a gama de ajuste por causa da quantidade reduzida de pontos que essa gama iria ter.

5.1.1 LED 1

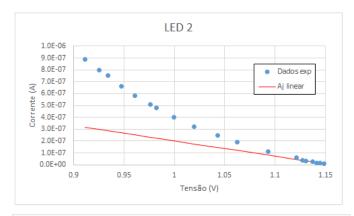




	Aj gama e		
m=	-2.05E-06	b=	
s(m)=	5E-08	7E-08	s(b)=
r^2=	0.997 1E-09		s(y)=
		2E-09	2σ=

Figura 4: Gráfico do ajuste feito, dos resíduos obtidos e a tabela com os parâmetros de ajuste

5.1.2 LED 2

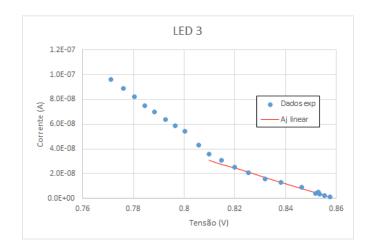


	Aj gama e		
m=	-1.29E-06	b=	
s(m)=	3E-08	3E-08	s(b)=
r^2=	0.997 7E-10		s(y)=
		1E-09	2σ=



Figura 5: Gráfico do ajuste feito, dos resíduos obtidos e a tabela com os parâmetros de ajuste

5.1.3 LED 3



	Aj gama e		
m=	-6.2E-07	b=	
s(m)=	2E-08	1E-08	s(b)=
r^2=	0.994	7E-10	s(y)=
		1E-09	2σ=

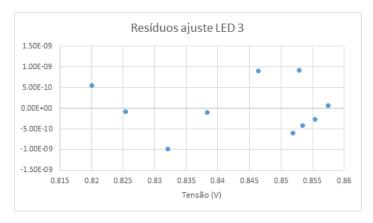
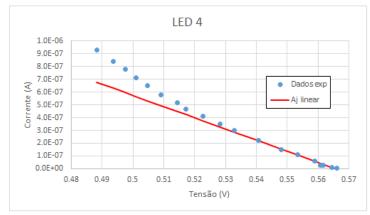


Figura 6: Gráfico do ajuste feito, dos resíduos obtidos e a tabela com os parâmetros de ajuste; No gráfico dos pontos é possível observar uma dobra na curva, esta é devida a uma mudança de escala durante as medições

5.1.4 LED 4

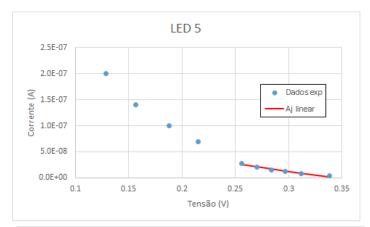


	INCO	duos aj	uste LLL	7 -			
1.5E-08							
1.0E-08						•	
5.0E-09			•				
0.0E+00		_		•			_
5.0E-09		•					
1.0E-08					•		
1.5E-08							

	Aj gama e		
m=	-8.8E-06	b=	
s(m)=	3E-07	2E-07	s(b)=
r^2=	0.991	8E-09	s(y)=
		2E-08	2σ=

Figura 7: Gráfico do ajuste feito, dos resíduos obtidos e a tabela com os parâmetros de ajuste

5.1.5 LED 5



	Aj gama e		
m=	-2.9E-07	b=	
s(m)=	3E-08	9E-09	s(b)=
r^2=	0.96 2E-09		s(y)=
		4E-09	2σ=

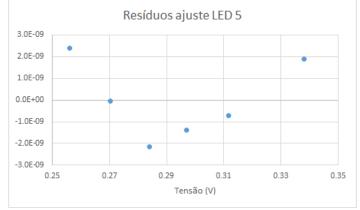


Figura 8: Gráfico do ajuste feito, dos resíduos obtidos e a tabela com os parâmetros de ajuste

A partir das equações de ajuste foi possível determinar o valor do potencial de paragem correspondente a cada LED (isto foi feito assumindo que I=0, assim $V_c=\frac{-b}{m}$, em que b e m são os parâmetros de ajuste lineares). Com isto, foi possível determinar h e W:

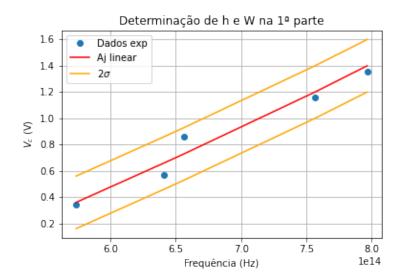
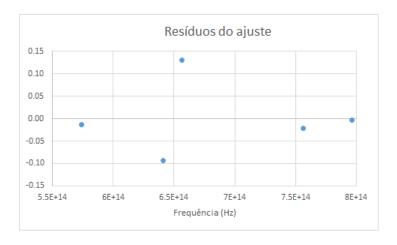


Figura 9: Gráfico da parte A para a determinação de h e W



	Aj		
m=	4.5E-15	-2.2	b=
s(m)=	5E-16	4E-01	s(b)=
r^2=	0.96	9E-02	s(y)=
		2E-01	2σ=

Figura 10: Resíduos obtidos e a tabela com os parâmetros de ajuste

Com isto foi possível obter que $h=(7.2\pm0.8)\times10^{-34}kg~m^2/s$ e $W=(3.5\pm0.6)\times10^{-19}J$ com erros percentuais de 8.7% e 14%, respetivamente e relativamente aos valores de referência $h=6.6\times10^{-34}kg~m^2/s$ e $W=3.12\times10^{-19}J$. Obteve-se isto, aplicando a equação 2.

Devido à natureza quântica e corpuscular da luz, uma intensidade maior de um feixe luminoso apenas se traduz numa maior quantidade de fotões a serem enviados para o cátodo. Isto apesar de aumentar a quantidade de eletrões excitados não altera a energia de cada uma (porque cada fotão tem a mesma energia associada, eq. 1, porque têm o mesmo comprimento de onda). Por causa disto, a tensão antagonista que é preciso inserir no circuito não depende da intensidade da fonte luminosa [2].

Outro fator que poderia ser uma fonte de erro seria o espetro de emissão da luz libertada pelos LEDs. Devido ao facto desta não ser completamente coerente é possível que apenas uma parte desta seja captada de forma eficiente pela célula fotoelétrica. No entanto, como é possível verificar gráfico 15 (que está em anexo), isto apenas será um fator no caso dos LEDs 7 e 8. No caso desses dois LEDs vai haver um erro sistemático associado à corrente gerada (vai ser menor do que deveria ser por causa de parte do seu espetro de emissão não ser captada tão eficientemente).

5.2 Parte B

Nesta parte foi possível realizar dois ensaios de forma a se poder verificar os resultados obtidos. Durante esta parte tiraram-se vários valores da tensão medida para cada LED para depois fazer a média desses valores. Algo notório é o facto de as tensões inicialmente estarem num valor e depois irem lentamente decrescendo à medida que o tempo passa, isto ocorreu para todos os LEDs. Para evitar que este descarregamento afetasse as medições, só se consideraram os valores iniciais, pois como o circuito usado tem uma resistência baixa associada (a dos fios e do condensador) o condensador carrega quase instantaneamente fazendo os valores iniciais mais próximos da tensão de paragem de cada LED.

Assim para o primeiro ensaio obteve-se:

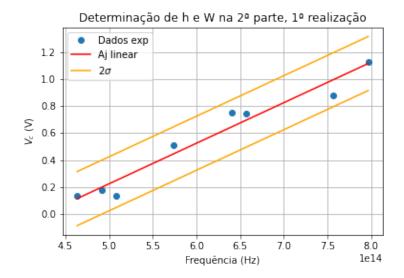


Figura 11: Gráfico do ajuste linear feito

O que corresponde a se ter $h=(4.8\pm0.4)\times10^{-34}kg~m^2/s$ (erro percentual de 27%) e $W=(2.0\pm0.3)\times10^{-19}J$ (erro percentual de 35%). Para o segundo:

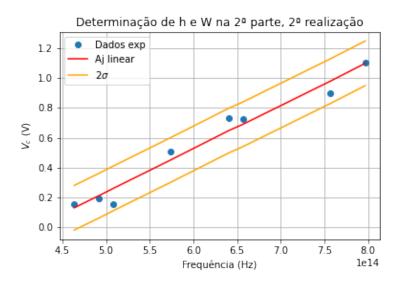


Figura 12: Gráfico do ajuste linear feito

O que corresponde a se ter $h = (4.7 \pm 0.4) \times 10^{-34} kg \; m^2/s$ (erro percentual

de 29%) e $W = (2.0 \pm 0.2) \times 10^{-19} J$ (erro percentual de 35%).

Comparando estes valores com os que foram obtidos na parte A é possível observar que os da primeira parte são mais exatos que os da segunda. Assim, as técnicas usadas na parte A são mais adequadas para determinar h, W e, por consequência, os valores dos potenciais de paragem. O erro associado ao declive pode estar relacionada com o facto de se ter utilizado os LEDs com comprimentos de onda maiores, no entanto tentou-se fazer um ajuste sem os últimos LEDs, mas obtiveram-se valores com erros percentuais ainda maiores que anteriormente. O erro na ordenada na origem é esperada, pois verifica-se que todos os valores obtidos da tensão de paragem na parte B são menores que os obtidos na parte A, indicando um erro sistemático inerente ao método de medição.

5.3 Lâmpadas de descarga

Uma questão que poderia surgir na realização deste trabalho é a razão pela qual se usaram LEDs em vez de lâmpadas de descarga (como lampadas fluorescentes, que são muito comuns no nosso dia-a-dia). Isto é devido ao facto de LEDs terem um espetro de emissão de potência mais concentrado que lampadas de descarga [1]. Algo que é possível ver no seguinte gráfico retirado de [1]:

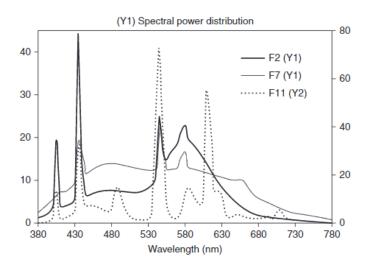


Figura 13: Distribuição espetral de potência de acordo com o comprimento de onda para três lâmpadas diferentes normal (F2), broad band (F7) e three band (F11); esta distribuição é mais larga, levando a que uma maior percentagem da potência libertada esteja numa região pouco sensível da célula fotoelétrica

6 Conclusão

Na parte da experiência em que se determinou o potencial de paragem através da diminuição da corrente induzida foi possível obter $h=(7.2\pm0.8)\times10^{-34}kg~m^2/s$ e $W=(3.5\pm0.6)\times10^{-19}J$ com erros percentuais de 8.7% e 14%. Enquanto que na parte em que se determinou o potencial de paragem medindo este num condensador em série com a célula fotoelétrica, obteve-se para o primeiro ensaio $h=(4.8\pm0.4)\times10^{-34}kg~m^2/s$ (erro percentual de 27%) e $W=(2.0\pm0.3)\times10^{-19}J$ (erro percentual de 35%) e no segundo: $h=(4.7\pm0.4)\times10^{-34}kg~m^2/s$ (erro percentual de 29%) e $W=(2.0\pm0.2)\times10^{-19}J$ (erro percentual de 35%).

A partir destes resultados é possível concluir que o método usado na parte A é mais adequada para obter os valores de h, W e, consequentemente, dos potenciais de paragem.

Para além disso, foi possível concluir que o comprimento de onda da luz emitida pelo LED é a característica mais importante nos resultados, sendo que a intensidade não é um fator (algo que pode ser comprovado com experiências adicionais).

7 Anexo

7.1 Limites de funcionamento da célula fotoelétrica

A célula fotoelétrica utilizada tem um regime de melhor funcionamento que depende do comprimento de onda da luz incidente:

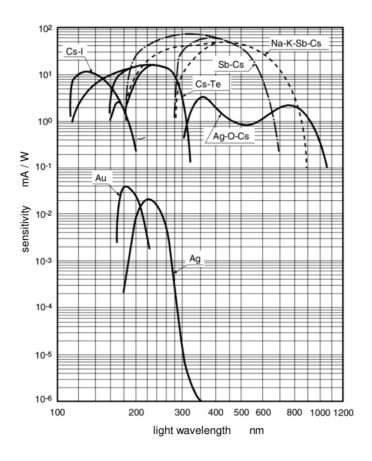


Figura 14: Gráfico do regime de melhor funcionamento da célula fotoelétrica $Phywe\ PhotoCell-06779-00$, sendo isto na gama de 185-650 nm e com máxima sensibilidade a 340 nm

7.2 Comprimentos de onda dos LEDs disponíveis para a experiência

Durante a experiência começou-se por realizar medições com os LEDs com comprimentos de onda menores, por serem aqueles que libertam luz que é melhor captada pela célula fotoelétrica. Por exemplo, nem se usou o LED 9 porque a corrente originada no circuito era residual.

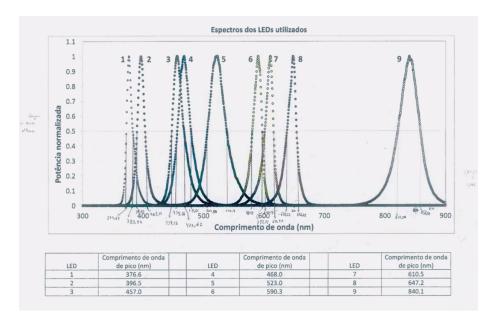


Figura 15: Gráfico da potência da luz libertada pelos diferentes LEDs em função do comprimentos de onda; Tabela com os valores do comprimento de onda de pico dos LEDs

7.3 Dados retirados

7.3.1 Parte A

	LED 1				
	corrente (micro amperes)	u(I)	tensão (volt)	u(V)	
	0.510	0.005	0.96284	0.00001	
	0.390	0.005	1.00135	0.00001	
	0.270	0.005	1.04872	0.00001	
	0.180	0.005	1.09654	0.00001	
	0.100	0.005	1.15713	0.00001	
mudança de escala	0.05	0.0005	1.2012	0.0001	
	nano amperes				
mudança de escala	47.0	0.5	1.2343	0.0001	
	35.0	0.5	1.2560	0.0001	
	30.0	0.5	1.2671	0.0001	
	25.0	0.5	1.2790	0.0001	
	18.0	0.5	1.2925	0.0001	
	12.0	0.5	1.3090	0.0001	
	5.0	0.5	1.3290	0.0001	
mudança de escala	4.00	0.05	1.3350	0.0001	
	3.00	0.05	1.3395	0.0001	
	2.50	0.05	1.3418	0.0001	
	1.80	0.05	1.3449	0.0001	
	1.00	0.05	1.3495	0.0001	
	0.50	0.05	1.3510	0.0001	
		LED 2			
	corrente (nano amperes)	u(I)	tensão (volt)	u(V)	
	89.0	0.5	0.91119	0.00001	
	80.0	0.5	0.92552	0.00001	
	75.0	0.5	0.93441	0.00001	
	66.0	0.5	0.94745	0.00001	
	58.0	0.5	0.96108	0.00001	
	51.0	0.5	0.97601	0.00001	
	48.0	0.5	0.98212	0.00001	
	40.0	0.5	0.99965	0.00001	
	32.0	0.5	1.01947	0.00001	
	25.0	0.5	1.04294	0.00001	
	19.0	0.5	1.06265	0.00001	
	11.0	0.5	1.09349	0.00001	
	6.0	0.5	1.12115	0.00001	
mudança de escala	3.80	0.05	1.12697	0.00001	
	3.30	0.05	1.13050	0.00001	
	2.50	0.05	1.13758	0.00001	
	4.00	0.05	1.14155	0.00001	
	1.80				
	1.50	0.05	1.14441	0.00001	
			1.14441 1.14844	0.00001 0.00001	

	LED 3			
	corrente (nano amperes)	u(I)	tensão (volt)	u(V)
	9.60	0.05	0.77118	0.00001
	8.90	0.05	0.77613	0.00001
	8.20	0.05	0.78031	0.00001
	7.50	0.05	0.78462	0.00001
	7.00	0.05	0.78838	0.00001
	6.40	0.05	0.79268	0.00001
	5.90	0.05	0.79643	0.00001
	5.40	0.05	0.80020	0.00001
	4.30	0.05	0.80568	0.00001
	3.60	0.05	0.80987	0.00001
	3.10	0.05	0.81468	0.00001
	2.50	0.05	0.82003	0.00001
	2.10	0.05	0.82543	0.00001
	1.60	0.05	0.83205	0.00001
	1.30	0.05	0.83830	0.00001
	0.90	0.05	0.84637	0.00001
	0.50	0.05	0.85283	0.00001
mudança de escala	0.41	0.005	0.85184	0.00001
	0.33	0.005	0.85342	0.00001
	0.22	0.005	0.85542	0.00001
	0.13	0.005	0.85742	0.00001

		LED 4		
	corrente (nano amperes)	u(I)	tensão (volt)	u(V)
	93.0	0.5	0.48827	0.00001
	84.0	0.5	0.49371	0.00001
	78.0	0.5	0.49747	0.00001
	71.0	0.5	0.50096	0.00001
	65.0	0.5	0.50468	0.00001
	58.0	0.5	0.50921	0.00001
	52.0	0.5	0.51450	0.00001
	47.0	0.5	0.51723	0.00001
	41.0	0.5	0.52270	0.00001
	35.0	0.5	0.52824	0.00001
	30.0	0.5	0.53282	0.00001
	22.0	0.5	0.54075	0.00001
	15.0	0.5	0.54808	0.00001
	11.0	0.5	0.55345	0.00001
	6.0	0.5	0.55889	0.00001
mudança de escala	2.90	0.05	0.56084	0.00001
	2.50	0.05	0.56160	0.00001
	1.20	0.05	0.56444	0.00001
	0.50	0.05	0.56613	0.00001
		LED 5		
	corrente (nano amperes)	u(I)	tensão (mili volt)	u(V)
	50.0	0.5	34.001	0.001
	41.0	0.5	61.522	0.001
	27.0	0.5	102.075	0.001
			volts	
	20.0	0.5	0.12868	0.00001
	14.0	0.5	0.15649	0.00001
	10.0	0.5	0.18827	0.00001
	7.0	0.5	0.21545	0.00001
mudança de escala	2.75	0.03	0.25625	0.00001
-	2.10	0.03	0.27032	0.00001
		0.03	0.28392	0.00001
	1.50	0.03		
	1.50	0.03	0.29705	0.00001
			0.29705 0.31154	0.00001 0.00001

Figura 16: Tabelas com os valores medidos na Parte A da experiência

7.3.2 Parte B

	tensão (volt)	incerteza
LED 1	1.13063	0.00001
	0.87854	0.00001
	0.87730	0.00001
LED 2	0.87980	0.00001
	0.88050	0.00001
	0.88160	0.00001
	0.74382	0.00001
	0.74381	0.00001
LED 3	0.74395	0.00001
	0.74396	0.00001
	0.74409	0.00001
	0.74859	0.00001
LED 4	0.74870	0.00001
LLD 4	0.74905	0.00001
	0.74940	0.00001
	0.51170	0.00001
LED 5	0.51177	0.00001
LLDJ	0.51180	0.00001
	0.51186	0.00001
	0.13950	0.00001
LED 6	0.13943	0.00001
LLD	0.13935	0.00001
	0.13910	0.00001
	0.17568	0.00001
LED 7	0.17545	0.00001
LLD /	0.17535	0.00001
	0.17520	0.00001
	0.13576	0.00001
LED 8	0.13576	0.00001
	0.13544	0.00001

Figura 17: Tabelas com os valores medidos na Parte B da experiência no primeiro ensaio

	tensão (volt)	incerteza
	1.10207	0.00001
	1.10205	0.00001
LED 1	1.10210	0.00001
	1.10206	0.00001
	1.10204	0.00001
	0.89638	0.00001
	0.89675	0.00001
150.0	0.89655	0.00001
LED 2	0.89765	0.00001
	0.9015	0.0001
	0.9016	0.0001
	0.7276	0.0001
	0.7275	0.0001
LED 3	0.7274	0.0001
	0.7275	0.0001
	0.7275	0.0001
	0.7345	0.0001
	0.7346	0.0001
	0.7345	0.0001
LED 4	0.7346	0.0001
	0.7347	0.0001
	0.7347	0.0001
	0.7346	0.0001
	0.5066	0.0001
	0.5065	0.0001
LED 5	0.5066	0.0001
	0.5067	0.0001
	0.5066	0.0001
	0.1516	0.0001
	0.1516	0.0001
LED 6	0.1513	0.0001
	0.1510	0.0001
	0.1511	0.0001
	0.1508	0.0001
	0.1938	0.0001
LED 7	0.1940	0.0001
	0.1939	0.0001
	0.1025	0.0001
	0.1022	0.0001
	0.1023	0.0001
LED 8	0.2021	0.0001
	0.1027	0.0001
	0.1024	0.0001
	0.1021	0.0001

Figura 18: Tabelas com os valores medidos na Parte B da experiência no segundo ensaio 21

Referências

- [1] Asim Kumar Roy Choudhury. Principles of Colour and Appearance and Measurement. Woodhead Publishing Limited, 2014.
- $[2]\,$ Maria de Fátima Mota. Aula 2 de física moderna efeito fotoelétrico. DFA, FCUP.
- [3] Wikipedia. Work function. https://en.wikipedia.org/wiki/Work_function.